

## ENTREVISTA

# UMA PROFESSORA E PESQUISADORA COM A INTERNACIONALIZAÇÃO E INTERCULTURALIDADE NO SANGUE!

GRACIA MARIA CLÉRICO<sup>i</sup>

Não é exagero afirmar que Gracia Maria Clérico, docente da Universidade Nacional del Litoral - UNL (Santa Fé, Argentina), traz no próprio sangue marcas da interculturalidade e da internacionalização. Descendente de imigrantes italianos e de criollos, vivenciou desde criança, em seu núcleo familiar, uma mistura de expressões piemontesas e de guarani. Nesta entrevista para a Revista Eventos Pedagógicos (REP's), a professora conta como foi a sua trajetória formativa e como tem construído a carreira acadêmica. Com detalhes ela explica como fez para unir os dois temas que caracterizam a sua experiência de vida - internacionalização e interculturalidade, transformando-os em objetos de investigação e incorporando-os na sua prática docente. Com muita experiência e, evidentemente, apaixonada pela educação, integra uma rede acadêmica da área de psicologia, composta por professores argentinos e brasileiros, que há mais de 10 anos tem promovido diferentes atividades de internacionalização envolvendo ensino, pesquisa e extensão.

Gracia Clérico é professora adjunta da cátedra de psicologia na Faculdade de Humanidades e Ciências da UNL, onde, atualmente, também coordena o projeto de pesquisa intitulado *Experiencias interculturales en internacionalización curricular en casa. Aportes para la formación integral en la Educación Superior*, que investiga experiências interculturais em nove projetos de internacionalização desenvolvidos pela UNL, oriundos de diferentes áreas do ensino de graduação.

Mauricio da Silva Guedes<sup>ii</sup>

**1 - Maurício Guedes:** Quem é a professora Gracia Clérico? Conte-nos a sua trajetória profissional e acadêmica.

**Gracia Maria Clérico:** Eu sou Grácia Clérico, nasci em Bell Ville, província de Córdoba, na Argentina. Venho de uma família numerosa. Em casa éramos seis irmãos. Meus pais eram de dois estados diferentes (Córdoba e Corrientes) e se conheceram na universidade, aqui em Santa Fé. E isso, de certa forma, influenciou na minha escolha por vir morar nesta cidade. Na escola média me formei como professora de desenho. Na universidade me graduei em ciências da educação e em psicologia. Posteriormente, na pós-graduação, fiz mestrado em pesquisa educativa, com orientação

socioantropológica e doutorado em educação. Atualmente sou professora da Universidade Nacional do Litoral de Santa Fé, e também de duas instituições de formação superior não-universitária. Trabalho ainda como assistente técnico-pedagógica na Subsecretaria da Educação Artística do Ministério da Cultura da província de Santa Fé. Eu procuro contribuir com a educação artística porque a arte é a minha paixão.

**2 - Mauricio Guedes:** Fale sobre a sua experiência na educação superior. Quando foi que começou?

**Gracia Maria Clérico:** Eu comecei há mais de 30 anos. Primeiramente, no ano 1989, ingressei como ajudante-aluno na disciplina de epistemologia da psicologia na Universidad Nacional de Córdoba (UNC). Depois eu me tornei professora temporária na disciplina psicologia educacional da UNC. Em 1996 prestei concurso e ingressei como chefe de trabalhos práticos, que é uma das primeiras atuações remuneradas na carreira universitária. Já em 1997 eu continuei minha atuação como professora titular na Universidade Católica Argentina, que fica na cidade de Paraná, província de Entre Rios. Depois, já no ano 2000, prestei concurso para a cátedra de psicologia na UNL, onde estou até hoje. Vale destacar que paralelamente, desde 1993, eu tenho atuado em institutos de educação superior não universitário.

Como se pode ver, a minha trajetória docente reflete o perfil característico comum a muitos professores argentinos. Ou seja, constroem uma carreira passo a passo, de cargo em cargo e desempenhando uma função que chamamos aqui de "professor-táxi": se movendo de uma instituição à outra. Creio que esse fenômeno reflete ao mesmo tempo as complexas condições profissionais e a grande paixão que cultivamos pela docência. Não desistimos facilmente e acreditamos na educação!

**3 - Mauricio Guedes:** Como surgiu seu interesse pela internacionalização?

**Gracia Maria Clérico:** Posso garantir a você que a questão da internacionalização, e também a da interculturalidade, surgiram na minha vida, bem antes que eu iniciasse a formação acadêmica. Quando criança, eu tinha na minha família muitas pessoas que usavam palavras em outros idiomas. Minha avó materna se expressava em guarani, porque eram descendentes desse povo indígena. Os meus avós paternos eram piemonteses, portanto nós usávamos algumas palavras italianas cotidianamente. Assim, eu incorporei na minha fala palavras sem saber que eram de outros idiomas, até que eu descobri que os meus colegas de escola não entendiam "essas palavrinhas". Percebe-se dessa forma que, em casa, convivi, no mínimo, com duas culturas diferentes. Algo que é bem característico da Argentina: somos filhos de imigrantes italianos e espanhóis, de indígenas, uma mistura de tudo isso. Ainda na infância, parte da minha família, por questões políticas, durante período militar, teve que ir viver em outro país. Com isso eu passei a fazer um outro tipo de contato com eles e esse fato me levou a me aproximar de outra cultura e outro idioma. Através desses meus familiares, eu tive conhecimento da "experiência do exílio". Creio que a inserção da internacionalização na minha formação e atuação acadêmica está ligada a essa minha história pessoal e familiar.

**4 - Mauricio Guedes:** E no contexto acadêmico, como foi a sua inserção na internacionalização?

**Gracia Maria Clérico:** Meu primeiro contato com temas internacionais se deu no ensino básico, pois recebíamos diversos conteúdos sobre cultura, história e geografia do nosso país e da sua relação com outros países. Na escola média e na universidade, eu tive contato com autores estrangeiros e temáticas internacionais que me despertaram novos interesses sobre outras culturas. Eu comecei em 1989, junto com um grupo de colegas, a estudar migração e educação na cidade de Córdoba, onde têm muitas famílias de outras províncias e de outros países. Em 1996 consegui uma bolsa de um programa de intercâmbio da UNC para realizar uma experiência sobre o tema migração na Universidade de Sevilha, na Espanha. Eu compartilhei atividades de pesquisa e de ensino sobre essa temática com professores e estudantes da faculdade de psicologia. Essa experiência foi muito importante para mim, me abriu a novas metodologias de trabalho em sala aula e na pesquisa. Além disso, me surpreenderam as grandes diferenças entre dois sistemas educativos, o argentino e o espanhol. Mais tarde, em 2008, durante o meu doutorado, eu entrei em contato com o professor Miguel Mafhoud (UFMG) e ele me sugeriu que eu incorporasse, no meu projeto sobre a questão intercultural, a categoria teórica da *experiência elemental*, um conceito criado pelo italiano Luigi Giussani. Essa relação com o prof. Mafhoud continuou com atividades de pós-graduação na UNL e na UFMG, tendo o apoio da Associação de Universidade do Grupo Montevideo (AUGM). Conheci colegas da área de psicologia, que também estavam na pós-graduação, e começamos a compartilhar nossas experiências docentes a nível de graduação. Em 2016 apresentamos um projeto conjunto no primeiro edital da UNL de internacionalização de espaços curriculares de graduação. Este projeto envolveu professores de psicologia de três universidades: UNL, UFMG, e UFVJM. Desde então, temos mantido projetos nos sucessivos editais da UNL. A principal atividade é o desenvolvimento uma estratégia didática que adota a metodologia do estudo de caso comparado sobre adolescência. O trabalho colaborativo no ensino foi ampliado para as outras funções universitária: primeiro elaboramos um projeto de pesquisa que investigou a nossa própria experiência da internacionalização; e também incorporamos os docentes estrangeiros nas nossas ações de extensão. Desde o início o foco é potencializar o impacto intercultural das nossas ações de internacionalização. Por isso temos incluído novos docentes de outras instituições. E recentemente formalizamos uma Rede de Promoção da Interculturalidade e da Internacionalização na Educação (REPI). Esta rede acadêmica é formada por docentes de cinco universidades públicas do Brasil (UFMG, UFVJM, UFMT, UFJF e UFRGS) e duas argentinas. (UNL e UADER). Como pode ver, hoje a minha atuação docente está orientada cada vez mais para a internacionalização.

**5 - Mauricio Guedes:** Então, com base na sua experiência, como você explicaria a importância da internacionalização no contexto acadêmico?

**Gracia Maria Clérico:** Nessa minha trajetória eu fui descobrindo o valor da internacionalização como uma ferramenta para abrir as portas das nossas salas ao mundo. A sala já não é um espaço físico restrito, mas é o mundo inteiro. A internacionalização então se constitui em uma ponte que possibilita aproximações “entre” diferentes pessoas, cátedras, áreas de saber, instituições e países, e isso colabora para que o processo educativo ofereça uma formação integral. A dimensão do “inter” da internacionalização pode ser assim entendida em múltiplos sentidos. Em primeiro lugar, “inter” porque favorece, com o trabalho interdisciplinar, a compressão das problemáticas contemporâneas,

sejam regionais ou globais. Por serem complexas, essas não podem ser entendidas e enfrentadas a partir de um só campo de saber. Segundo “inter”, intercultural. A internacionalização da educação torna-se imprescindível para que nossos estudantes estejam preparados para trabalhar e viver em um mundo em transformação, e cada vez mais multicultural. Em nossa experiência adotamos a modalidade chamada de *internacionalização em casa*. Assim, o estudante, sem fazer uma viagem acadêmica, entra em contato com professores e estudantes de outro país, cursa uma disciplina ensinada desde diferentes perspectivas, pode conhecer novas realidades culturais, se aproximar delas, superar prejuízos, interessar-se por outro idioma; e desenvolver empatia no trabalho em equipe com colegas estrangeiros. Em suma, o estudante desenvolve aprendizagens interculturais e amplia seus horizontes profissionais e de vida. Aos professores esta experiência de internacionalização permite pensar sua disciplina junto como colegas de outro país, abrir-se para perspectivas teóricas diferentes e renovar as práticas pedagógicas. Ou seja, ela permite um enriquecimento pessoal, humano e acadêmico a partir do encontro com outro e do trabalho colaborativo em rede.

**6 - Maurício Guedes:** Quais são as vantagens que uma rede colaborativa pode oferecer ao trabalho docente na internacionalização?

**Gracia Maria Clérico:** Geralmente as cátedras, trabalham como ilhas. Quando se tem oportunidade de trabalhar em uma rede de professores, como a nossa, que é formada por docentes do Brasil e da Argentina, essa cátedra começa a entrar em relação pedagógica com outras. Uma rede colaborativa é a junção de cátedras, com docentes trabalhando juntos, pensando juntos as metodologias de ensino e as avaliações. Isso cria oportunidades de maior aprendizagem, porque exigem identificar quais são as ações que dão certo e quais são as que precisam mudar. O trabalho em rede facilita a periodicidade desse trabalho em conjunto. Nós adotamos a categoria teórica de docência compartilhada - usada geralmente no campo da educação especial, para nominar essa experiência. Assim, como eu falei anteriormente, a internacionalização abre a porta da sala de aula para o mundo, uma rede colaborativa amplia as possibilidades de uma cátedra, na medida que, esta se abre à outras cátedras. A minha disciplina se abre às disciplinas de outros colegas. Essa é uma das principais vantagens do trabalho colaborativo: trabalhar junto para melhorar as práticas pedagógicas. Além do ensino, o trabalho colaborativo pode estar articulado com as outras duas funções substantivas da universidade, na elaboração e proposição de projetos de pesquisa e de extensão.

**7 - Maurício Guedes:** Conte-nos um aprendizado ou uma descoberta dessa sua experiência de internacionalização.

**Gracia Maria Clérico:** O que eu posso dizer que o aprendizado do trabalho em rede é para mim uma novidade. Eu não tinha o costume trabalhar em rede. O que significa esse aprendizado? Passei a compartilhar mais as minhas ideias com outros, aprendi a aceitar ideias diferentes, e descobri que essa troca pode ser bem valiosa. Outro colega tem outras formas de trabalhar, tem outras maneiras de olhar a vida e a realidade e isso tem sido enriquecedor para mim.

Recebido em: 1 de dezembro de 2023.

Aprovado em: 14 de dezembro de 2023.

Link/DOI: <https://doi.org/10.30681/reps.v14i3.12012>

---

<sup>i</sup> Doutora em Educação pela Universidad Católica de Santa Fe. Mestre em Investigação Educativa. Licenciada em Ciências da Educação e em Psicologia. Professora adjunta da cátedra de Psicologia da Facultad de Humanidades y Ciencias - Universidad Nacional del Litoral, Santa Fé. Integrante da Rede de Promoção da Internacionalização e Interculturalidade na Educação, formada por professores argentinos (UNL) e brasileiros (UFMT, UFMG, UFVJM, UFJF e UFRGS) que desenvolve projetos de internacionalização na área de psicologia. Coordenadora do pesquisa *Experiencias interculturales en internacionalización curricular en casa. Aportes para la formación integral en la Educación Superior* (CAID+2020-UNL) É assistente técnico-pedagógica da Subsecretaria de Educação Artística do Ministerio de Cultura.

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-5823-326X>

e-mail: [graciamariaclerico@gmail.com](mailto:graciamariaclerico@gmail.com)

<sup>ii</sup> Professor Adjunto do Instituto de Ciências Humanas e Sociais - Campus Universitário do Araguaia - Universidade Federal de Mato Grosso. Graduado em Filosofia e em Psicologia. Mestre em Psicologia Clínica e Doutor em Ciências pela Universidade Federal de Minas Gerais. Integrante da Rede de Promoção da Internacionalização e Interculturalidade na Educação, formada por professores argentinos (UNL) e brasileiros (UFMT, UFMG, UFVJM, UFJF e UFRGS) que desenvolve projetos de internacionalização na área de psicologia. Coordenador acadêmico do Acordo Específico de Cooperação e Intercâmbio Acadêmico, Científico e Cultural entre a UFMT e a Universidad Nacional del Litoral (UNL) Santa Fé, Argentina. Atualmente realiza estágio pós-doutoral em internacionalização do currículo na Facultad de Humanidades y Ciencias (FHUC - UNL).

Curriculum Lattes: <https://lattes.cnpq.br/1577206334586669>

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-7670-8070>

e-mail: [mausguedes@ufmt.br](mailto:mausguedes@ufmt.br)